

75 anos do Concurso JN de Quadras de S. João

O tri são-joanino

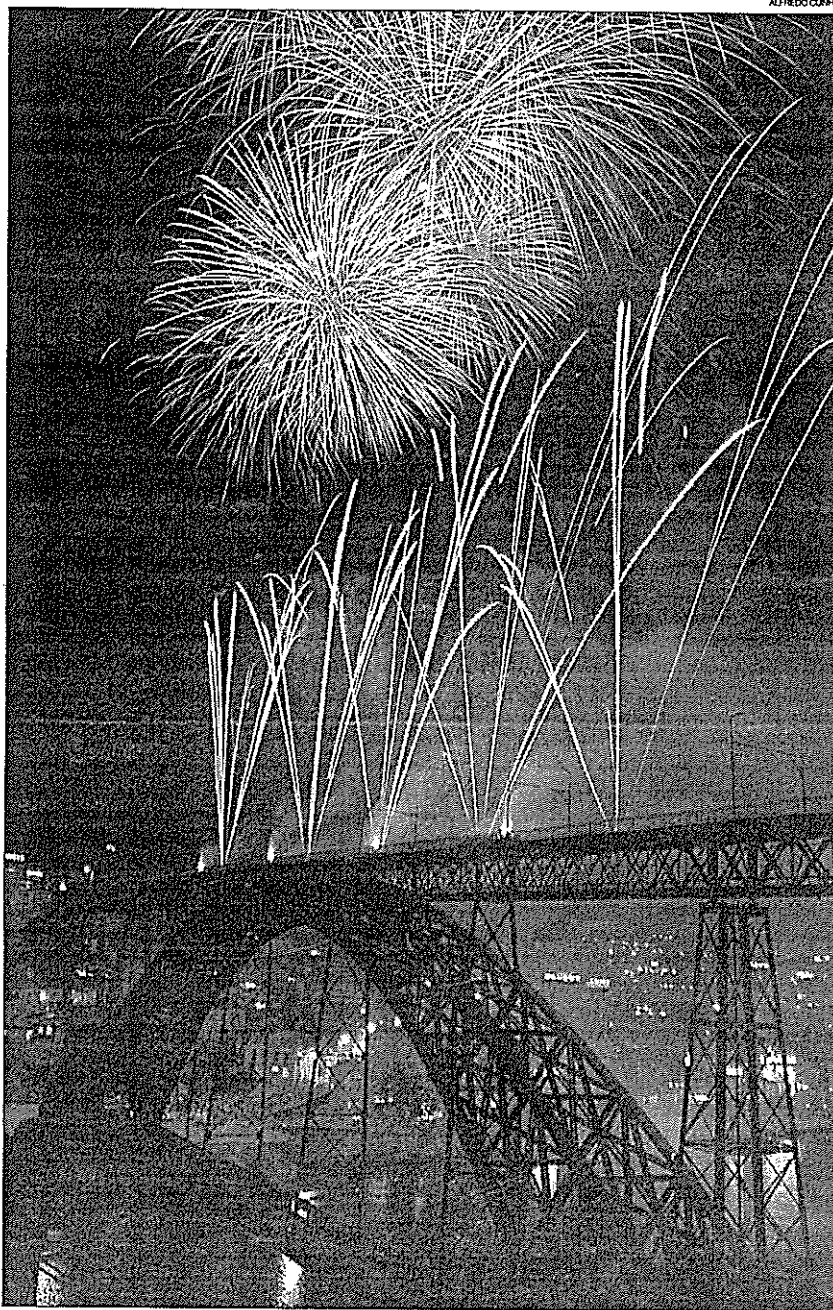
Francisco Topa *



Em ano de outro tri, que quase durava até ao S. João, o JN comemora - e o Porto com ele - o terceiro

quarto de século do concurso de quadras são-joaninas. Contrariando algumas previsões iniciais, uma iniciativa que pretendia preservar uma tradição que ameaçava perder-se acabou por converter-se rapidamente, ela própria, numa tradição. As provas são claras: o elevadíssimo número de textos que, ano após ano, disputa o prémio; a heterogeneidade - cultural, profissional, geográfica - dos concorrentes; a qualidade de muitas das quadras que têm vindo a ser distinguidas; a rapidez com que os exemplares do JN são devorados na própria noite de S. João; o altíssimo nível do júri, que tem contado com poetas que vão de Eugénio de Castro a Eugénio de Andrade, passando por António Botto, Pedro Homem de Melo, Natália Correia, David Mourão-Ferreira ou Manuel António Pina; com prosadores do porte de Aquilino Ribeiro; com ensaístas como Oscar Lopes ou Arnaldo Saraiva; com etnógrafos como Pedro Vitorino - entre tantos outros nomes ilustres. Esta prova de longevidade, mais do que confirmar que a tradição ainda é o que era ou que Portugal é o alegado país de poetas, atesta sobretudo que o S. João está bem vivo nos grande-portuenses. Por muito que os tradicionalistas aleguem que dantes é que era, as quadras do JN, retrato vivo que são dos últimos 75 anos do S. João do Porto - e espelho oblíquo do país -, af estão a mostrar que o essencial se manteve: a excepionalidade da noite mais curta, mais livre, mais democrática, mais carnavalesca do ano; a celebração - ora alegre, ora melancólica, ora fescenina, ora cavalheiresca - do amor; a exaltação dos símbolos que continuam sendo os ingredientes indispensáveis da festa e da vida (a água, o fogo, a terra, o ar - os quatro elementos).

Da quadra - popular - disse Fernando Pessoa que era "o vaso de flores que o Povo põe à janela da sua Alma". No seu caso, o fogo são-joanino não terá chegado à janela da mansarda, como se vê por esta quadra ao gosto popular: "No dia de S. João / Há fogueiras e folhas; / Gozam uns e outros não, / Tal qual como os outros dias." O poeta não está aliás sozinho. De outra forma, mais melancolicamente barroca, não faltam, no vasto conjunto das quadras premiadas ao longo destes 75



As quadras e S. João são o retrato vivo de uma tradição que se mantém

A quadra é "o vaso de flores que o Povo põe à janela da sua Alma", escreveu Fernando Pessoa

anos, exemplos desse tipo: "Da imensa cascata erguida / Sobre este monte bizarro, / Apenas somos, na vida, / Pobres bonecos de barro..." (1944). Não faltam também as quadras moralistas, dirigidas sobretudo à mulher: "Ficar sem festa e sozinha / É tudo quanto me resta / Porque os foguetes que tinha /

Deitei-os antes da festa!..." (1953). É provável que a graciosidade da imagem não baste à maior parte de nós para apagar o incómodo do machismo subjacente a textos desse género. Mas quando o poeta carrega um pouco mais no humor e na surpresa, esses traços dissolvem-se de todo: "Com certas moças não brinco, / Em noite de S. João, / São como porta sem trinco / Que faz um homem ladrão" (1980). Este é aliás um aspecto muito interessante do concurso que o JN vem promovendo. Lidas a uma cómoda distância, muitas das quadras deixam-nos entrever

sinais do tempo em que foram compostas, convertendo-se assim em testemunhos históricos de algum interesse. Os exemplos mais óbvios dizem respeito a épocas de grandes transformações. Sirva de exemplo este texto de 1974, sobre o 25 de Abril: "Povo! Na tua fé louca, Cantavas pra não chorar!... / Hoje, sem cravos na boca, / Choras de poder cantar." Ou ainda este, de 1986, sobre os salários em atraso e a precariedade de emprego: "Tenho o salário em atraso / Mas vou na rusga contente. / Hoje o meu contrato a prazo / É de amor a toda a gente." Porventu-

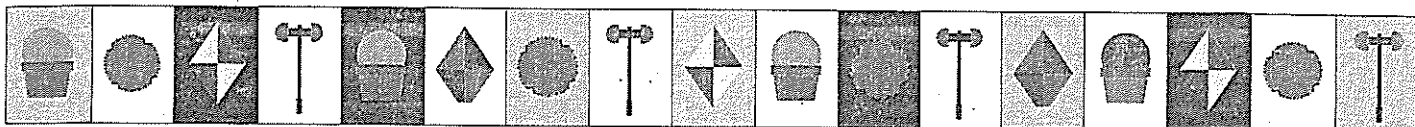
ra mais interessantes são as quadras cuja dimensão histórica incide, de modo sub-reptício, sobre as mentalidades e os comportamentos, sobretudo quando, a partir de metáforas mais ou menos comuns e tipicamente são-joaninas, o autor consegue formar uma imagem original, como acontece nesta curiosíssima quadra, de 1999: "Meu amor, teu alho-porro / Namora o meu manjerico... / Quando se beijam sem gorro, / Que sobressaltada eu fico!"

Mas o traço mais característico das quadras a concurso é a celebração do amor, em todos os seus matizes. Nos casos - que felizmente têm sido muitos - em que o trovador encontra uma ideia original e graciosa, o resultado é do domínio do puro encanto. Sirvam de exemplo estas duas quadras sobre o casamento: "A roda em que andei rodando / Nos braços do meu Manel / Foi-se estreitando, estreitando... / - Até caber num anel!..." (1947) "Acabada a reinação / Vim da festa acompanhado. / Quis passar por gavião, / Acabei pombo anilhado" (1995). Ou esta belíssima declaração de amor, do concurso de 1931: "Aqui tens meu coração, / Decide da sua sorte, / Mas olha que S. João / É contra a pena de morte..." Ou ainda esta pequena obra-prima, que tão bem joga com as palavras e com os sons: "Quando as saias arregaça, / Para bailar livremente, / Maria, cheia de graça, / Faz a desgraça da gente..." (1931).

Num certame tão plenamente imbuído do espírito do cancioneiro popular, não faltam também os exemplos felizes de observação psicológica e social - tanto melhor quanto mais fina e subtil -, em geral relacionados com o inevitável tema do amor: "Teus lindos olhos cravaste / Nas fogueiras com ciúme, / E de novo incendiaste / As próprias cinzas do lume..." (1933); "Trocaste um passo na roda / E desse passo mal dado / Houve arroz doce na boda / Que sabia a baptizado!..." (1947).


Perante estes exemplos, que poderiam ser largamente multiplicados, é caso para dizer: venham mais 75! É sobretudo em anos difíceis como este - que apesar de tudo não se comparam a muitos dos que ficam para trás - que percebemos a importância dos saborosos momentos que o JN nos vem proporcionando. Eis um bom exemplo de sábia comunhão com o espírito da cidade e da região, que outras entidades deveriam reconhecer e imitar.

*Professor universitário



1955 1.º prémio S. João! Não é bucura Por amor ser-se perdida. Pois se a alma fica pura Nada se perde na vida! Gieta	2.º Bruxedo? Não penses nisso, Nem queimes ervas aos molhos: Onde há no mundo feitiço Que te não arda nos olhos?... Sempre Noivo	3.º Aí tempo das minhas tranças - Tempo do vira na eira! Foram-se tranças e danças... Estou sem eira nem beiral! Maria Só	1961 1.º prémio Seja longa ou seja breve. Toda a cantiga quebranta: - A pedra fica mais leve Quando o pedreiro lhe canta. Vittá	2.º Seja a fonte alegre ou triste, Quando canta, a sua voz Tem qualquer coisa que existe No peito de todos nós! Radamento	3.º Se às quatro folhas do trevo Pedes a sorte, vê bem Que esta carta que te escrevo Tem quatro folhas também. Julmar
1956 1.º prémio las na ruga sozinha, Fiz de conta que não vi, Mas a alegria que eu tinha Foi na ruga atrás de ti! Arievil O.	2.º Três folhas! Ninguém se importe Se o trevo tem menos uma... Mais vale ter pouca sorte Que não ter sorte nenhuma! Bandarra	3.º Dizes que ficas doente Quando me beijas; pois bem: - Beber água da nascente Nunca fez mal a ninguém. Azul Celeste	1962 1.º prémio Na noite de S. João, Fui contigo, enlouquecida! Na fogueira dos teus braços, Abri os braços à vida!... Rosa sem cravo	2.º Amágoa que anda escondida Nas trovas que andam no ar, Se pudesse ser medida, Dava a medida do mar! Tio Arruda	3.º Passei pela tua porta E, na cinza que restava, Senti que a fogueira morta Nunca mais ressuscitava! Musa de Junho
1957 1.º prémio Quando os teus pés leveirinhos Saltam nas pedras da rua, Fazem lembrar dois pombinhos Balando à volta da tua. Santelmo	2.º Sedentas da tua boca. Rezam as fontes, babinho, Para que Deus te dê sede E asponha no teu caminho... D. Fua Roupinho	3.º Em noite de S. João É que tu mostras quem és: Sais a bater o tacho, Entras em bicos de pés... São-Joanelro	1963 1.º prémio Deste-me um beijo, Manel, Na noite de S. João. Deus queira que tanto mel Não traga nenhum ferrão. Lena	2.º Euperci-mena fogueira E fui fogueira perdida... Depois chorei e fui fonte, Fui fonte porque dei vida! Araducta	3.º Para baizer, meu amor. Não me estreites desse jeito. Pois posso ficar da cor Do trevo que tens ao peito! Voz do Oiro

A MINHA ESCOLHA



Francisco Topa
PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

"Procurei, por um lado, apresentar um conjunto que reflectisse aquelas que têm sido as grandes linhas das quadras que se têm apresentado a concurso e, por outro, destacar os textos que - respeitando a tradição - me parecem mais criativos e mais harmónicos do ponto de vista rítmico"

Quando as saas amegaca,
 Para bailar livremente,
 Maria, cheia de graça,
 Faz a desgraça gente...
2.º prémio de 1931
Salomé

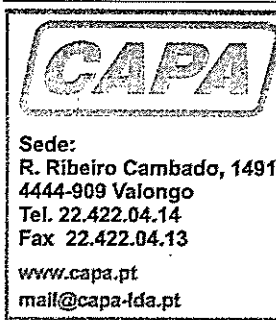
Meu amor, teu háo-pomo,
 Namora o meu manjerico...
 Quando se beijam, sem goro,
 que sobressaltada eu fico!
3.º prémio de 1999
Atoz

Aroda em que andei rodando
 Nos braços do meu Manel
 Foi-se estreitando, estreitando...
 - Até caber num anel...
1.º prémio de 1947
Maria Feliz


Acabada a reinação
 Vin da festa acompanhado
 Quis passar por gavão,
 Acebi pombo aninhado.
2.º prémio de 1995
Vaga-Lume

Dei-te um pé de manjerico
 Custou-me um dia de sampão...
 - Tripeiro que não é rico,
 Faz das tripas, coração!...
2.º prémio de 1985
Pé Descalço


1958 1.º prémio Coração sem ter ciúme Nunca pode ser meu par: Fogueira com pouco lume Não me convida a saltar!... Musa Triste	2.º S. João, não és pecado Roubar um beijo ao meu bem. Deus perdoa o pão roubado Que mata a fome de alguém! Zé do Porto	3.º Esses teus brinços compridos. Logo que a dança começa, São dois pardais atrevidos A comer frutos à pressa. Marli	1964 1.º prémio Ao pé do trevo colhido Temos outro por colher: É um, o tempo vivido. Outro, o que está por viver. Toninho	2.º Deste-me um trevo de pano. Guardei-o no coração: Vale mais ter um engano Que perder uma ilusão. Vento Sul	3.º Eu sou a fogueira morta. Triste fogueira da rua... Quis findar à tua porta A lenha que já foi tua!... Floribela
1959 1.º prémio O que é triste, é ser mulher! Se não, reparei e vede: - Nasce uma fonte onde quer, Onde quer se mata a sede. Soyonara	2.º Quem é triste que se afoite E deixe a mágoa esquecida, Que esta noite não é noite De deitar contas à vida! Rapioqueiro	3.º Siga o viral! Eu cá, desdenho De vós todos que virais! Quem tem um par como eu tenho Já não pensa em virar mais. Mandonel	1965 1.º prémio Todos temos nesta vida, O nosso trevo da sorte. Colhem-no uns ao nascer. Outros na hora da morte. Bernardino Pedro	2.º Se a saúde fosse pão Igual ao que a gente come. Noite de S. João Ninguém moria de fome. Saudosista	3.º Foge à fogueira Maria, Se não o tempo, verás. Transforma a tua alegria. Em rapariga ou rapaz... Fernando Liszt
1960 1.º prémio S. João... cravos aos molhos, Manjericos pela rua... E no sonho dos teus olhos Balões grandes como a lua!... Mira	2.º Agora que tu és minha, Ó fonte que me encantava, Quisera a sede que tinha Quando, em vão, te procurava. Alfazema	3.º Teus olhos lembram, meu bem, As noites de S. João... - Há fogueiras quando vêm - Orvalhadas, quando vão... John	1966 1.º prémio S. João, vê como é triste Depois da lenha queimada, Sentir, que a vida linda existe E ser fogueira apagada!... Indino	2.º Temos do trevo da sorte Duas folhas; nós os dois! O resto não nos importa... As outras virão depois. Riomar	3.º Trevo da sorte comprado É sorte que não se tem... Se a sorte fosse ao mercado Já não a tinha ninguém... Caeio




Sede:
R. Ribeiro Cambado, 1491
4444-909 Valongo
Tel. 22.422.04.14
Fax 22.422.04.13
www.capa.pt
mail@capa-pt.pt



Casas de Madeira
Fabricados em madeira exótica e à sua medida.
Vários modelos Standard à disposição. Consulte-nos!!



Apoios de praia
Fabricados de acordo com o POOC
Plano de Ordenamento da Orla Costeira



Stande de Veneza
Soluções construídas à medida do cliente.
Design e tecnologia para o seu conforto.